

Sermão sobre Jó 7.1-6*

João Calvino†

Não há um tempo designado ao homem sobre a terra? Não são os seus dias como os dias do jornaleiro? Como o escravo suspira pela sombra, como um jornaleiro aguarda a sua remuneração.

Assim se fez que eu tivesse meses de vaidade, e noites de aflição me proporcionaram. Ao deitar-me, então digo: Quando me levantarei? Porém, comprida é a noite, e farto-me de desassossego até o crepúsculo. A minha carne ficou revestida de vermes e de pó da terra encrostado; minha pele está gretada, e se tornou abominável. Meus dias são mais rápidos do que a lançadeira do tecelão, e acabam-se sem esperança.

Conhecemos bem que, vivendo no mundo, devemos agüentar muitos males; entretanto, quereríamos que Deus nos tratasse pelo nosso critério. E mesmos os mais pacientes somos tão tenros e delicados que, assim que ele pesa a mão sobre nós, achamos que é demais. Porém, quando Deus persiste em nos afligir, eis onde nossa zanga se revela e fica mais manifesta. E nisso é que temos agora que discorrer. Porque Jó, ao se queixar de que seu mal perdura por período excessivo, diz que bem deveria haver tempo predeterminado ao homem, como se dissesse: Deus não nos colocou sobre a terra em inquietude tal como a que estamos, mas haverá uma hora em que dará termo às nossas misérias. Mas estou em apuro tal que não tenho alívio nem repouso, nem de noite, nem de dia: parece então que meu estado é pior que a dos outros, e que Deus está disposto a me afligir além do que a condição da vida humana é capaz de suportar. Essas são as suas palavras. Vemos agora que isso está em harmonia com o que ele aborda: é que, na primeira luta, logo de cara confessamos que neste mundo aqui somos atormentados, que temos aqui pesares; entretanto, gostaríamos muito que Deus nos poupasse e, tão logo nos toque, mesmo com a ponta do dedo, que retire sua mão, e que nossas tribulações não sejam de longa duração. Devemos prestar bastante atenção à esta passagem aqui, pois na pessoa de Jó o Espírito Santo coloca em um espelho, perante nossos olhos, qual é a nossa fragilidade: é a fragilidade de mente, não de corpo. É certo, como eu disse até aqui, que Jó possuía uma virtude e constância admiráveis entre os homens: todavia, vê-se a que situação ele chegou. Sendo assim, o que será dos que não têm senão fraqueza, que em grande tormento mal recebem três gotas de força para se sustentarem em meio às aflições, que não lhes faltam, ao passo que vemos Jó abatido dessa maneira, ele a quem Deus havia fortalecido de tal forma por sua graça?

Ora, em primeiro lugar, sigamos esta doutrina aplicando-a para o nosso uso: *que há um tempo designado ao homem que está sobre a terra*. Pois ela é útil para nos dar

* Trecho retirado e traduzido do original francês *Sermons sur le Livre de Iob*, do mesmo autor, com consultas à versão inglesa. (N. do T.)

† Um dos principais nomes da Reforma Protestante, João Calvino (1509-1564) nasceu em Noyon (França). Tendo em comum com o alemão Martinho Lutero o fato de também ter sido seminarista na juventude, deu prosseguimento à obra desse, ensinando a doutrina e a aplicação da justificação pela fé somente em Cristo, como revelada nas Escrituras Sagradas, empenhando-se em aplicar o ensino bíblico a todas as áreas da vida; não obstante, o sistema teológico chamado calvinismo é mais estruturado que o luteranismo. Calvino estabeleceu-se em Genebra (Suíça), já que na França do rei Francisco I não eram tolerados não-católicos. A igreja que ele pastoreava ali veio a se tornar um centro da Reforma, a ponto de John Knox dizer que ela foi “a mais perfeita escola de Cristo desde os dias dos apóstolos”. Os Sermões sobre Jó, os Comentários da Bíblia e as Institutas constituem o grande monumento do seu pensamento teológico. (N. do T.)

alívio em nossas aflições: e também quando se trata de servir a Deus, de caminhar em temor e vigilância, isso deve vir à nossa lembrança, como ainda o vemos falado nas Escrituras (Fp 2.13). É verdade que Jó aplica mal essa máxima: mas, se em si mesma ela é boa e santa (como eu já disse), deve nos servir de mui útil instrução, como São Pedro deveras nos diz (1 Pd 1.17), que devemos andar em temor, visto que Deus sonda os corações e sem acepção de pessoas julga, e que um dia teremos que prestar contas diante dele, e que, se houvermos contentado os homens mortais com alguma aparência, isso nada valerá: pois ele descobrirá todas as afeições e pensamentos. Eis então uma condição que parece difícil: a inevitabilidade de os filhos de Deus chegarem ao ponto do medo e desassossego. Ora, São Pedro acrescenta: Isso (diz ele), acontece durante a peregrinação de nossa vida. Vemos que São Pedro estabelece o tempo para os fiéis caminharem daquele modo, sim, para lhes dar algum alívio e para que tomem coragem quanto a esse repouso eterno que lhes está preparado no céu. Então, podemos bem extrair proveito desta proposição, que diz que há tempo determinado ao homem sobre a terra. Ainda, o que seria se nossa vida tivesse de ser prolongada sem término e continuássemos nessa condição? Pois não haveria nenhum repouso aos homens. Verdade é que aqueles que evitam Deus e se afastam dele bem esperam que logrem para si bom proveito, sim, enquanto se esbaldam em seus deleites: no meio-tempo, todavia, tem que se ver em muitos sofrimentos: aprontamo-nos com grande pressa, contudo, Deus nos retém ali como que aprisionados. Que seria então se tivéssemos que ser miseráveis, sem esperança de jamais ser resgatados ou libertados? Isso seria para nos zangar e nos colocar em desespero. Todas as vezes então que pensarmos sobre aborrecimentos, pobreza e aflições que há no mundo, notemos que Deus nos consola e nos alivia quando nos declara: Bem, vós passeis por este mundo, porém, vossa vida é curta. Suportemos pois com paciência as aflições, as quais são tão breves, e no final chegareis a esse repouso que eu já preparei para vós. Eis como devemos meditar sobre tal doutrina, se quisermos tirar bom proveito dela. Da mesma maneira em todos os castigos que Deus nos envia: pois o que dissemos até agora se estende à toda a nossa vida em geral. Mas particularmente, quando suportamos alguma adversidade, Deus indubitavelmente dará fim a ela, como o vemos também falando através de seu Profeta Isaías (40.2), quando manda que seu povo seja consolado. Diz esse: Teu tempo ordenado chegou ao fim (fala aí do cativo babilônico). Pois o que ele quer dizer é que, apesar de afligir os seus por causa dos pecados deles, isso não é para os consumir totalmente, e que ele retém certa medida em suas correções com o fito de que, logo em seguida, tenham alguma trégua, sabendo que Deus teve compaixão deles, que ele não os quer perseguir até o fim, e que lhe rendam graças por semelhante bondade. Vemos, pois, como em todo o curso de nossa vida devemos sempre sofrer aqui: contudo, Deus não prolonga isso além do tempo que está fixado. Ora, na verdade, isso parece algo de todo comum, conquanto Deus não falou dela: e até os pagãos (quero dizer, os mais brutos dentre eles) recorriam a isso sempre, pois em tudo o que lhes podia sobrevir eles se consolavam com isto, dizendo: Bem, não há mal tão grande que não tenha fim. Vede (digo eu), como eles moderavam suas paixões. Parece então que esta é uma doutrina sobreexcelente quando Deus nos propõe por consolação que há um tempo pré-estabelecido para o homem, e que os dias desse são como os dias do jornaleiro. Contudo, devemos atentar à algo que os homens concebem em sua fantasia: se ocorre de a mão de Deus os oprimir, ficam confusos, parecendo-lhes que estão em um abismo de onde nunca poderão sair. Enquanto estamos em descanso, sabemos dizer bem que, embora as adversidades sejam grandes e violentas, não são de longa duração. Porém, se Deus nos intima para comparecermos diante dele, fazendo-nos sentir nosso pecado, seu juízo nos é tão terrível que eis que um labirinto nos cerca de todos os lados, e nós não

vemos saída para escapar, dando-nos a impressão de que nos deve fazer descer continuamente mais para o fundo. Vede pois como os homens ficam confundidos quando o julgamento de Deus os toca em plena consciência.

E essa doutrina nos é ainda mais útil quando Deus nos declara que, visto termos que passar por muitos sofrimentos vivendo neste mundo, consideremos que nossa vida é transitória, e que não nos fará mal ficarmos sujeitos a tal condição, pois que o nosso tempo está determinado. Além disso, quando formos por ele castigados, quando ele enviar a nós algumas aflições, falemos: Bem, ele nos oprime agora, mas isso não será para sempre. Decerto não podemos resistir por demasiado período; mas ele o faz com medida, ele conhece o que nos é conveniente. Esperemos pacientemente então que ele nos livre, e não ficaremos frustrados por tal espera. Deveras, se cada um de nós olhar para si, descobrirá que é mui necessário que se tenha isso em mente. Pois, embora o saibamos, todavia, esquecemo-lo, e não conhecemos o que se trata na hora da prática. Assim, não há quem não diga: Isso nunca acabará? Se há alguma aflição, com um ficando doente, outro sendo premido pela pobreza e aqueloutro sendo atormentado por alguma contrariedade pesar que incessantemente o molesta, perguntamos: Haverá ainda um recomeço? Não existe término para isso? Visto que nossa carne e nossa natureza são tão propensas a se agastar e se desgostar, saibamos que não é sem motivo que Deus preestabelece o tempo cuja menção se faz aqui. Ora, reparemos que é a Deus que cabe fixar o prazo para nós quando se diz: Não há um tempo designado para os homens? E isso nos pode ser de muita serventia. Por quê? Porque, se Deus desconhecesse o que somos e o que nos é bom e conveniente, bem poderíamos ficar zangados ao ouvir que a duração de nossas misérias está em sua mão e em sua condução. Mas, posto que ele tem ciência da nossa capacidade, e sabe que, se estivermos sobrecarregados, sucumbiremos sob o fardo e até esmagados e quebrados; posto que (digo eu), Deus sabe disso, e porquanto nos declara que nos sustenta consoante o que vê ser a nossa debilidade, e que, se não fôssemos de contínuo sustentados por sua mão, haveria o risco de sermos totalmente destruídos, sabe ele moderar bem o peso das aflições que nos manda. Tendo tais promessas, não temos nós que nos alegrar com esse tempo determinado? De mais a mais, prestemos bastante atenção a que, se temos o nosso tempo aqui embaixo fixado, devemos, conseqüentemente, fazer a comparação com S. Paulo, entre as desgraças que, diz ele (2 Co 4.17), duram um instante, e essa glória celeste. Pois a brevidade das aflições deste mundo faz com que as devamos achar leves, diz ele. Pois quando divisamos esse reino divino eterno, sem fim, isso deve suprimir da balança todo o mal que se possa imaginar neste mundo. Sendo assim, então, todas as vezes que formos tentados à melancolia, à impaciência e ao desespero, recorramos ao que está dito aqui: isto é, que *há um tempo determinado*, e saibamos que Deus anteviu o que é bom sofrermos, e que as aflições não nos advém sem o bom prazer dele. De resto, saibamos que ele nos trata não apenas com equidade e razão, mas também com doçura paternal. Eis o que temos que observar.

Ora, essa doutrina se estende muito além, embora consista mais em experiência do que em proferir palavras sobre ela. Pois podemos ter conceitos bastante grandes a respeito, mas o principal é que cada um dela faça proveito quando precisar. Mas como? É verdade que nossa vida parecer-nos-ia bastante breve se não estivesse sujeita a tantas privações: enquanto obtivermos o que desejamos e estivermos em repouso, todos confessaremos que isso nada é, e que nossa vida é tão breve quanto qualquer outra coisa. Porém, quando refletimos sobre as tribulações sem fim, as quais abundam, de modo que, assim que saímos de um mal, temos que novamente entrar em outro, sempre recomeçando, essa longa demora então nos irrita. Portanto, recorramos ao que é aqui

dito, a saber, que Deus determinou a nós o tempo e que cabe a ele também dispor de nós. Devemos então nos contentar com a medida que ele nos dá, sabendo bem que ele conhece o que nos é apropriado e conveniente à nossa fraqueza. Ainda mais que não é para sempre que teremos que sofrer e desfalecer aqui: haverá um escape quando Deus nos tirar desta peregrinação terrena, sim, para nos chamar para o seu descanso eterno. Lá não existirá fim, lá não existirá tempo estabelecido. Além disso, quando Deus nos visita, e cada um de nós suporta em si próprio alguma necessidade, algum castigo, reconheçamos: Bem, é verdade que, se isto durasse para sempre, poderíamos enfraquecer. Mas Deus conhece a saída que nos quer dar, ele prometeu que não ficaremos aqui esmagados sob o fardo: esperemos até que ele nos estenda a mão em nossa adversidade, assegurando-nos de que ele nos proverá em tempo oportuno. Eis como devemos aplicar essa doutrina a nosso uso. Entretanto, vemos como Jó não tirou bom proveito disso: portanto, devemos estar ainda mais atentos para que não abusemos de uma sentença quando Deus no-la apresenta para instrução, para que não a apliquemos totalmente ao contrário. Todavia, é coisa comum quando, ao lermos as Sagradas Escrituras, havendo alguma consolação dada a nós, para nos aliviar os tormentos, agirmos assim: Ó, essa é uma consolação que Deus dá a seus filhos, só que eu estou totalmente privado dela; parece que ele anima seus fiéis com o fito de me lançar ao desespero. Posto ser assim, o que eu posso pensar senão que estou excluído de toda esperança de sua graça? Eis então como agimos todas as vezes com relação àquelas, nas quais Deus nos convida com doçura sem igual, nas quais atenua todos os nossos males e dores: rejeitamos tudo isto e nada mais desejamos senão alimentar o sofrimento em nós, excluindo-nos da graça divina e rechaçando-a para bem longe. Vemos que isso aconteceu com Jó; logo, não achemos estranho se estivermos sujeitos a uma tal tentação. O que fazer? Devemos nos prevenir e orar a Deus para que nos dê espírito de prudência para saber aplicar para nosso uso e nossa saúde todas as advertências que ele nos dá.

Agora vamos tratar do que é dito aqui. Jó alega: *Como? Não há um tempo fixado para o homem que está sobre a terra?* É verdade que os homens aqui embaixo são pobres e desgraçadas criaturas; no entanto, conseguem, de certo modo, alegrar-se ao verem que Deus não os pôs aqui para estarem assim para sempre. Eis aqui algo que pode em muito aliviar todos os pesares que suportamos na terra. Mas agora (diz ele), Deus não dá termo aos meus tormentos. Vede em que Jó se queixa de que sua condição é pior que a dos outros homens; como se dissesse: Deus me fustiga além da medida, uma vez que não demonstra que quer me livrar dos males que me oprimem. E eu toquei nisto: que mui comumente confessamos que é bastante razoável que, estando neste mundo, soframos muitas contrariedades. Todos dirão: Sim, nascemos debaixo dessa condição e para tal fim, não devemos pensar outra coisa senão que o homem, desde que nasce, traz consigo tantas misérias e tantas carências que dão pena de se ver. Reconhecemos bem isso (digo eu), genericamente: porém, assim que Deus nos fere, dá-nos a impressão de que não conserva nenhuma medida. Eis onde Jó chegou. Eis também porque eu disse que a fixação do tempo deve ser deixada ao arbítrio de Deus, não à nossa concupiscência. Houvesse Jó, sem ser arrebatado pelas paixões, ponderado bem no que disse, com certeza não teria falado impropriamente. Por quê? Porque há um tempo determinado para o homem. Porém, o mal é Jó querer ser juiz e, através disso, tomar de Deus a autoridade que lhe pertence. E é assim que agimos nessa situação. É verdade que nossa intenção não é a de privar Deus de seu poder, de usurpar o direito e a autoridade que tem sobre nós, é o que diremos. Entretanto, agiremos assim se não formos pacientes, se nosso espírito não se conservar quieto na aflição, em vez de dizer: Bem, Senhor, estamos em tua mão, não nos cabe impor a lei a ti, nem te intimidar no

presente, dizendo que deves fazer isso ou aquilo; mas, visto que nos declaraste que sabes bem dar fim aos nossos sofrimentos – sim, um fim ditoso e desejável –, Senhor, esperaremos pacientemente pelo que prometeste a nós. Então, caso tenhamos nossos corações dispostos dessa maneira, Deus será honrado como merece. Mas, se formos precipitados, se formos de todo impetuosos, se proferirmos nossas queixas inconsideradamente, dizendo: O que é isso? Parece que Deus não quer dar término algum para os nossos males; digo eu, se agirmos assim, será como se quiséssemos arrancar Deus de seu trono e que ele não tenha mais nenhuma preeminência sobre nós. Vede como Jó procede nesse caso. É verdade que ele é paciente, e se porta com paciência aqui; contudo, isso não impede que haja vício misturado no meio dessa: pois a paciência dos fiéis não é sempre tão perfeita como se requer. Visto que Jó falhou em relação a isso, não devemos também pensar em nós, que somos tão frágeis em comparação a ele? Sendo assim, notemos então que, sempre que Deus nos afligir, ainda que o sofrimento perdure, ainda que ele seja prolongado, ainda que não percebamos que ele nos quer livrar de imediato, todavia, não devemos seguir a maneira de Jó, dizendo: O quê? Deus deixa-me aqui em contínuo tormento e vê que meu mal não tem fim. Porém, alimentemo-nos de esperança e, como eu disse, lembremo-nos de que a determinação do tempo não se dá por nossa concupiscência, mas que é Deus quem a ordena, consoante o que sabe ser bom. E, se não descobrirmos logo de início o fim de nossas misérias, parecendo mesmo que a teremos que suportar por tempo maior, não deixemos de experimentar essa bondade que ele nos prometeu. Pois as promessas divinas nos conduzirão nas trevas da morte: e nessas elas nos iluminarão para nos dar sempre alguma esperança de que seremos uma hora libertos de nossos males. Eis por que S. Paulo diz (2 Ts 1.7) que, mesmo que nos percamos para cá e para acolá, sim, e que sejamos como que de todo rejeitados, não continuaremos em tal situação; mas Deus nos recolherá para si, para que nos juntemos e vivamos com ele para sempre. Vede como devemos guardar em silêncio o benefício de todas as promessas que Deus nos faz, para as apreciar em meio às nossas desgraças.

Vamos agora ao que Jó acrescenta. Ele utiliza símiles para expressar o que queria dizer por o tempo determinado, do qual fez menção. Porque (diz ele), eis um pobre escravo (pois que não fala dos servos de hoje, mas dos que eram escravos; depois ele adiciona os servos que recebem salários), eis então *um servo que deseja a sombra*, quer dizer, o repouso noturno, pois não cessa de trabalhar: muito bem, esse deseja a sombra. Além disso, um homem assalariado deseja que sua jornada passe: e se há um mês, mais ou menos, considera o final de seu termo para que tenha algum repouso. Mas, quanto a mim (diz ele), não tenho trégua nem folga. *Quando me deito, digo: Como chegarei até a manhã? E quando me levantarei?* Quando estou de pé pela manhã, tenho a impressão que o dia durará um ano. Sendo então assim, parece que Deus não se contenta em me afligir segundo o modo comum dos homens, mas que quer lançar raios contra mim, para que eu não saiba o que fazer nem o que dizer. Esta é a queixa que faz Jó, dizendo que seu mal é em demasia, que não é um mal ordinário, que dele não se devia dizer: Veja que os homens estão neste mundo têm de sofrer muitas misérias, tu tens a experiência, tu sabes de que forma Deus costuma lidar com isso. Esse, porém (diz ele), manifesta toda sua força contra mim, de tal modo que parece que quer me arruinar inteiramente; e quando me comparo a outros a quem ele corrige, vejo que já estou no fundo do inferno, mas aqueles ainda possuem alguma esperança de salvação, de livramento de seus tormentos. E aqui temos que notar aquilo que já foi supramencionado, a saber, que Jó não estava oprimido somente por sofrimentos corporais, mas a principal dor dele era sentir que Deus lhe era contrário.

E isto é o que ele acrescenta logo na seqüência. Eis (diz), minha carne está como que pregada aos meus ossos, *e minha pele está totalmente rompida* e, por assim dizer, apodrecida: nesse sentido, sou como um pobre desesperado, não obstante, minha vida passa e se escoa *exatamente como a lançadeira de um tecelão*, a qual corre tão rápido que não se percebe nem se sabe medir tal ligeireza. Assim se dá com a minha vida, ele diz. Quando me levanto, fico completamente confuso, de modo que não tenho sossego nem descanso, seja de dia, seja de noite. Ora, conquanto Jó estivesse afligido em seu corpo, a tentação de sentir Deus como seu Juiz, mantendo-o como que sob suplício, era-lhe de longe mais doloroso que todos os tormentos que suportava em seu corpo. Eis também o porquê de ele se amofinar tanto. Este é um ponto em que devemos reparar bem. Pois mui pouca gente é experimentada nesses combates espirituais e, portanto, não sabe o que é: para eles é uma linguagem ignota. Mas, quando Deus as visita de semelhante modo, vemo-las consternadas de todo, por que não provaram no tempo nem no espaço essa doutrina. Então, reflitamos nela, reparando que, se todos os sofrimentos que nos advêm são desagradáveis e bem tristes, devemos saber, no entanto, que isso nada é comparado às angústias que suportam aqueles que são oprimidos pelo juízo de Deus, quando ele se mostra duro ao encontrá-los, dando-lhes algum sinal de sua ira e de sua vingança; visto que os vemos de tal forma assombrados que não há consolação alguma que os possa alegrar, a menos que Deus trabalhe com um poder extraordinário. Por quê? Porque, em todos os nossos males, Deus nos dá permissão para retornar a ele, para que o possamos invocar com esta certeza: a de que ele no fim terá piedade de nós. Decerto podemos lançar sobre ele os nossos cuidados e todos os nossos pesares, como dizem as Escrituras. Assim, pois, as aflições ser-nos-ão doces e amáveis quando pudermos ir a Deus dessa maneira; mas, se cairmos em abatimento – o que nos fecha a porta – e imaginarmos que Deus é nosso inimigo, que nos persegue, que é tempo perdido e algo frustrante invocá-lo, é como se já estivéssemos nos abismos do inferno. E vede onde Jó, não totalmente, mas em parte, encontra-se; mas ele experimentou isso. Ao virmos isso, reconheçamos que Deus poderia nos levar para ainda mais longe do que o faz: e se nos poupa, é porque conhece nossa fraqueza. Pois quis ele provar Jó ao máximo. Se ele não se vale de tão rigoroso exame para conosco é por sua infinita bondade. Entretanto, que cada um se prepare para que, quando chegar em tentação tal como essa, possa resistir. E, se formos agitados como que pelas ondas, não percamos a coragem no meio de semelhantes tempestades, considerando que Deus sustentou seu servo Jó, quando parecia bastante que estava de todo afogado e como que tragado pelos abismo; mas Deus (digo eu), retirou-o daí. Saibamos, pois, quando entrarmos em tais abismos, que somos sustentados no meio deles pela mão divina e, ainda, que no fim seremos tirados de lá. Eis como temos que estar preparados nos combates, para não ficarmos descorçoados quando sobrevier essa tentação; e, apesar de nos dar a impressão de que devemos ficar abatidos a cada golpe, todavia, esperemos que Deus nos assista, o que ele fará em tempo oportuno, como o fez ao seu servo Jó.

Outrossim, ainda que já tenhamos sido afligidos por certo tempo, e mesmo quando tivermos imaginado que deveríamos ter algum escape, mas as coisas chegarem a tal ponto que pareçam exatamente o contrário, que jamais seremos libertados dessa situação, que resistamos à tentação que se colocará perante nossos olhos, e que a ela resistamos, admitindo que Deus sabe bem dispor dos tempos e das estações, e que pertence a ele fazê-lo, que tudo seja entregue em sua mão e à sua boa vontade. Vede Jó dizendo: Examinei se haveria fim às minhas misérias. E nós, igualmente, podemos examinar: porque Deus não é tão cruel conosco que não tolere que cheguemos a esse ponto, e bem podemos dizer: Até quando? Assim vemos Davi falando isso com muita freqüência (Sl 13.2, 79.5). Porém, ao examinar se haverá alguma saída das nossas

desgraças, aprendamos também a não nos precipitar, pois de outro modo ficaremos confundidos. O que se deve fazer, então? Fechemos os olhos às coisas presentes, e oremos a Deus para que nos faça contemplar o escape que nos está ocultado à carne e à nossa opinião; digo, que ele nos faça contemplá-lo, conformando-nos inteiramente ao seu bom querer. E esse é o único remédio para alimentar a fé e a paciência. Ou, caso virmos que nossos males perduram por muito tempo e que Deus não nos mostra como quer fazer para que deles saíamos, que cerremos nossos olhos e digamos: Bem, Senhor, é verdade que tu me quer segurar na mão como um pobre cego nas trevas. Sim; entretantes, qual é o meu conforto? É este: eu orar a Deus para que ele me dê olhos, não para contemplar as coisas presentes, mas para que pela fé eu possa conhecer o que agora me está oculto. Eis (digo eu) como devemos agir, não à maneira de Jó, dizendo que via que não mais havia remédio para ele; pois o que fala assim está como que desesperado. Pois não devemos limitar o poder divino, mesmo que algo nos aparente ser impossível a esse. Ele diz: *Quando me deito, pergunto: Quando me levantarei? Pela manhã eu digo: Quando a noite virá?* Reparemos que isso foi registrado para mostrar que uma consciência oprimida pelo julgamento divino está sempre em inquietação e sobressalto. Vede como Moisés fala sobre isso ao tratar das horríveis vinganças de Deus sobre os que obstinadamente persistem em desobedecer à Lei de Deus. Tua vida (diz ele), estará suspensa diante de ti como sobre uma linha (Dt 28.66,67). Pela manhã tu dirás: Quem me fará viver até o anoitecer? Contudo, Jó fala aqui dessa tentação que sentiu, a saber, que as noites lhe eram longas demais, e os dias excessivamente tristes. Como se dissesse: Um dia dura para mim mais do que um ano, sim, mais do que a vida de um homem, outra coisa não faço senão definhir, não em certos males costumeiros, mas em tormentos tão horríveis que me desfazo sob a mão de Deus. Ora, quando vemos que essa tentação aqui sobreveio a Jó, recorramos ao remédio em que toquei: isto é, reconhecer que cabe a Deus dispor de nós e de todas as nossas desgraças. O tempo, todavia, parece-nos longo? Oremos a Deus, para que nos faça achar bom tudo o que ele dispõe. Pois, de outra forma, o que fazemos senão irritar a Deus como Jó? Não que este quisesse fazê-lo, entretanto, não deixa de ser censurável pelas palavras todas que levemente lhe escaparam, as quais lançou contra Deus, como se o quisesse irritar. Então, que retornemos àquele ponto e digamos: Como? Pertence a ti fixar o prazo? Não está na mão de teu Deus? Queres tu tirar-lhe o ofício? O que queres tu, pobre criatura? Onde queres tu chegar quando fizeres tal usurpação? Não é quebrar teu pescoço quando, sem asas, queres voar acima dos céus? Sendo assim, aprendamos a andar em humildade, e oremos a Deus para que achemos bom o que ele dispor para nós e para que possamos aquiescer, dizendo: Senhor, tu és justo em todos os teus feitos, tu és sábio; por conseguinte, conceda-nos a graça de não cessar de te louvar e de dar a ti esta glória, que tudo o que nos envias seja por nós recebido como sendo de tua mão, e que possamos nos moldar (*renger*) a isso, por mais que à carne seja-nos duro e amargo sofrê-lo. Isso é o que temos que notar sobre essa passagem.

Ademais, quando ele diz que *os dias passam mais rápido que a lançadeira de um tecelão*, parece haver aqui alguma contradição. Pois ele diz que sua vida é longa demais e, apesar disso, adiciona que seus dias se escoam tão velozmente que aquela nada é. Caso se responda que Jó foi arrebatado por suas paixões demasiadamente veementes, muito bem: é alguma coisa. Porém, não há contradição nenhuma quando observamos bem de perto a analogia que está posta aqui, o quanto ela está bem inserida no cântico do Rei Ezequias em Isaías (38.12,13): e é para demonstrar que, se um homem é oprimido pela mão divina, ele não sabe onde está. Pois, conquanto suportemos muitos sofrimentos, ainda contamos com a nossa vida; mas, se Deus nos persegue mais energeticamente, ficamos, por assim dizer, parvos, ficamos de um jeito que não estamos

habitados viver, ficamos totalmente estupefatos, dizendo: Como esse tempo pôde passar tão depressa? Eis então o que implica essa símile, e o que Jó quer ora dizer ao falar que sua vida passa mui rápido, como a lançadeira de um tecelão. Por quê? Porque ele sentia a mão de Deus que o oprimia de tal maneira que ele não conseguia senão gemer e se lamentar, dizendo: O quê? Não haverá fim? Vede pois como Jó o interpretava: não obstante, isso não impedia que estivesse tomado de tal pavor e angústia que estava como que jogado no abismo, visto que Deus o mantinha, por assim dizer, sob tortura, e que esse lhe parecia castigá-lo desmesuradamente. Eis como devemos aplicar essa comparação. E aqui somos agora admoestados a orar a Deus em nossas aflições, para que, sejam quais forem as aflições que nos prendam, que tenhamos algum descanso ao refletir sobre nós mesmos e sobre ele, digo, refletir sobre nós próprios para que admitamos nosso pecado, para que admitamos quanto tempo de nossa vida perdemos, para não acharmos estranho caso Deus nos aflija e nos moleste. Pois passamos sim a maior parte da vida procurando nos levantar contra ele: logo, precisamos rogar a Deus para que nos desperte, e para que nos dê disponibilidade de tempo para bem examinarmos nossas faltas. Além disso, que também reflitamos sobre ele. Mas isso não se pode dar se não mantivermos alguma calma e não nos alegrarmos. Porque enquanto estivermos nessa tristeza, impacientando-se ao suportá-la, é impossível podermos vir a Deus para nos consolarmos em sua bondade, a qual ele está pronto para nos fazer sentir. Devemos então orar a ele, para que nos tenha sob controle, se quisermos que nossos espíritos permaneçam quietos e cordatos em meio aos problemas que nos possam advir. E isso não pode ocorrer se não tivermos Jesus Cristo próximo de nós, de modo que nele possamos ter algum alívio, segundo ele diz: “Vinde a mim todos vós que estais sobrecarregados e atormentados, e eu vos aliviarei, e encontrareis descanso para as vossas almas” (Mt 11.28). Lembremo-nos, pois, de orar a Deus todas as vezes que ele nos afligir, para que voltemos nossos sentimentos e nossos espíritos a nosso Senhor Jesus Cristo, para que nele tenhamos o descanso de que ele fala: e que, havendo-o achado, sejamos conservados de sorte a poder receber os castigos e as correções de Deus, para nos humilhar diante desse, para aquiescer à sua boa vontade, a fim de que não duvidemos de que, no final, ele nos socorrerá e se revelará propício para conosco. Eis (digo eu) de que maneira devemos nos regozijar em meio a todas as misérias e aflições que temos que agüentar neste mundo, esperando gozar a mui ditosa consolação que Deus agora nos apresenta pela sua palavra, a qual consolação desfrutaremos em toda perfeição quando ele nos remover para si.

Agora, prostrar-nos-emos diante da face de nosso bom Deus...

Tradução de Vanderson Moura da Silva.